

**O QUE ESCONDEM OS PESCADORES
EM SUAS FALAS? “SEGREDO” E “MENTIRA”
NO ÂMBITO DA PESCA ARTESANAL**

Eduardo Moreira (UENF)

emoreira@iff.edu.br

Leandro Garcia Pinho (UENF)

leandropinho@uenf.br

RESUMO

A proposta deste trabalho é interpretar falas de pescadores artesanais, de Gargaú, no município de São Francisco de Itabapoana-RJ, obtidas a partir de entrevistas de história oral realizadas com estes sujeitos tendo por preocupação os significados do “segredo” e da “mentira”, entendidos aqui como estratégias discursivas comuns (tantos orais quanto gestuais) e permanentemente utilizadas nos circuitos e nos trajetos das comercializações e das capturas de pescado entre esses sujeitos. Percebe-se, com esses discursos, a presença dos dois circuitos tradicionais da pesca artesanal (captura e venda) nas mensagens transmitidas oralmente e corporalmente que buscam, ora de forma complementar ora de forma contraditórias, aliados e competidores no cotidiano das atividades profissionais desses sujeitos. Este artigo é resultado de pesquisa financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental federal conduzido pelo IBAMA.

Palavras-chave:

Falas de pescadores artesanais. Pescadores Artesanais de Gargaú-RJ.
“Segredo e Mentira” na pesca artesanal.

ABSTRACT

The purpose of this work is to interpret the speeches of artisanal fishermen, from Gar-gaú, in the municipality of São Francisco de Itabapoana-RJ, obtained from oral history interviews carried out with these subjects, having as a concern the meanings of the “secret” and of the “lie”, understood here as common discursive strategies (both oral and gestural) and permanently used in the circuits and paths of commercialization and capture of fish among these subjects. With these speeches, the presence of the two traditional circuits of artisanal fishing (capture and sale) can be seen in the messages transmitted orally-mind and bodily that seek, sometimes in a complementary way, sometimes in a contradictory way, allies and competitors in the daily lives of professional activities of these subjects. This article is the result of research funded by the Pescarte Environmental Education Project (PEA), which is a mitigation measure required by the federal Environmental Licensing conducted by IBAMA.

Keywords:

Speeches of artisanal fishermen. “Secret and Lie” in artisanal fishing.
Artisanal fishermen from Gargaú-RJ.

1. Introdução

Nossas reflexões partem de uma perspectiva da história social da linguagem (Cf. BURKE; PORTER, 1997). E, nesse sentido, nos conformamos com as premissas enunciadas por James Obelkevich (1997, p. 44) para quem “estudar a fala por meio de suas formas e gêneros característicos – cumprimentos, charadas, maldições, piadas lendas e assim por diante” e, assim, nos aproximarmos dos historiadores que “têm estado mais preocupados com significados, e não com os significantes” (OBELKEVICH, 1997, p. 44) para pensarmos as falas de pescadores artesanais.

As definições sobre o que é fazer-se pescador/a artesanal foco desta pesquisa orbitam em torno de um leque de sujeitos em suas redes interativas que se expressam em diferentes e complementares atividades agrupadas na conceituação de “trabalhadores/as da pesca” (DIAS NETO, 2015, 2012; COSTA, 2019; DIEGUES, 1995, 2004; BRITO, 1999). Estes/as trabalhadores/as, guardadas suas idiossincrasias, relacionam diretamente aspectos técnicos/tecnológicos com elementos culturais e naturais compondo uma rede de significações entre o material e o imaterial.

Os “trabalhos da pesca”, enquanto entidade múltipla e complexa, se manifestam nas atividades dos pescadores/as desenvolvidas nos âmbitos dapré-captura, captura e pós-captura⁴⁷ dos pescados (Cf. HELLEBRANDT, 2017). Estes três âmbitos se efetivam de forma interconexas suas redes interativas de circulação dão sentido a expressão “Trabalhadores/as da Pesca”. Vale lembrar, este artigo é resultado de pesquisa financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental federal conduzido pelo IBAMA.

2. Desenvolvimento

2.1. Os “Circuitos da Pesca”, os Itinerários Etnográficos e as entrevistas semiestruturadas

⁴⁷ Pré-captura se relaciona a todos os trabalhos necessários para as saídas dos pescadores/as, a manutenção/produção de artes/petrechos e barcos de pesca (com seus motores, sonares e GPS), a produção de gelo, a aquisição de óleo diesel, entre outros. A captura se refere ao trabalho dos pescadores/as na retirada dos pescados de seus ambientes naturais. A pós-captura também se relaciona a uma série de atividades necessárias ao funcionamento das atividades da pesca tais como: desembarque, pesagem, beneficiamento, transporte, comercialização, entre outros.

Aqui, nosso objetivo é analisar algumas falas e expressões de pescadores/as artesanais de Gargaú, tendo por preocupação a interpretação (Cf. GUERTZ, 1983) dos significados do “segredo” e da “mentira”, entendidos aqui como estratégias discursivas comuns (tantos orais quanto gestuais) e permanentemente utilizadas nos circuitos das comercializações e das capturas nos rios/mangues e mares de pescador.

As redes de interconexão destes sujeitos em suas fainas pesqueiras são captadas a partir da noção conceitual de “Circuitos da Pesca”, que representam espaço-temporalmente o movimento dos pescadores/as dentro e entre as atividades de pré-captura, captura e pós-captura. Busca desvelar os significados do movimento do fazer-se trabalhador/a da pesca artesanal, como um processo contextual que envolve relações entre seres humanos e destes com diferentes ecossistemas, preenchido de incertezas, tensões, alianças, saberes, estratégias, técnicas/tecnologias, et al, que perfazem a sua dinâmica e complexa vida.

Os “Circuitos de Pesca” buscam abarcar os ambientes onde se desenvolvem algumas das atividades propriamente ditas dos “mundos da Pesca” com os encontros entre indivíduos que se reconhecem como pertencentes aquele espaço de trabalho, partilhando funções, normas e códigos, ou seja, ambientes mais homogêneos. Estes ambientes são associados de forma justaposta aos espaços de maior contato e troca (entre os “mundos da pesca”), onde circulam a diversidade de trabalhadores/as e de suas produções que compõe a Rede interativa necessária a existência destes “mundos”. Nestes espaços os indivíduos precisam se expor e negociar em situações de maior heterogeneidade, tensão e incerteza (Cf. MAGNANI, 1996, 2005, 2013, 2014; MAGNANI, ASSIS SILVA, TEIXEIRA, 2008).

Para confecção destes “Circuitos” a pesquisa utilizou das seguintes técnicas: Itinerários Etnográficos, Entrevistas Semiestruturadas e Caderno de Campo. As análises apresentadas neste artigo são frutos de recortes das entrevistas semiestruturadas e do caderno de campo.

As entrevistas semiestruturadas ancoram-se na perspectiva da metodologia da história oral temática (Cf. BOSI, 2004; FROCHTENGARTEN, 2005; DELGADO, 2010; MEIHY e RIBEIRO, 2011; ALBERTI, 2012), sendo o tema do “trabalho da pesca” o eixo captador das preocupações.

Os relatos e suas descrições pormenorizadas contidas nos Cadernos de Campo, são frutos da coleta de dados realizada durante os Itinerários Etnográficos (ou observação flutuante) (Cf. PÉTONNET, 2008;

FERNANDES, 2016). Esta técnica se traduz em percursos desenvolvidos junto aos sujeitos da pesquisa como forma de complementar e ampliar a visão sobre os significados dos temas apreciados nas entrevistas de histórias orais.

Após a realização dos itinerários, os registros fotográficos foram catalogados em referência ao lugar e contexto efetuados e as impressões descritas e registrados no Caderno de Campo contendo a data, local, contexto e uma síntese escrita das imagens, sons, odores, sabores e percepções sentidas durante o percurso. Esses percursos atendem aos interesses da pesquisa e sua execução deve estar em fina sintonia com os objetivos tecidos pelo estudo, assim não se trata de buscar “o inusitado, o inesperado, mas, ao contrário, o reiterativo, o padrão, a norma” (MAGNANI, 1996, p. 37).

2.2. Gargaú-RJ: uma localidade de águas e pescadores/as.

Gargaú está localizada no extremo sul do município fluminense de São Francisco do Itabapoana. Situada na margem esquerda da foz do Rio Paraíba do Sul, ela faz divisa com o município de São João da Barra-RJ. Por esse motivo, a comunidade possui um extenso estuário permeado de áreas alagadas, doces e salgadas, devido ao encontro e intercâmbio entre rio e mar.

Este estuário gerou dois canais constitutivos do delta do Paraíba do Sul que correm paralelos ao mar, adentrando as áreas habitadas do bairro e servindo como um porto natural privilegiado para a entrada e ancoragem das embarcações. Além disso “ao reter areia transportada pelo mar, o rio permitiu que se formasse uma grande restinga” que propiciou a existência de várias lagoas, como “as do Comércio, da Tabua, do Meio e da Praia” (SOFFIATI, 2013). A localidade possui, ainda, “o maior manguezal da região norte do Estado do Rio de Janeiro” e talvez o “maior do Estado” (SOFFIATI, 2009, ROCHA, 2015).

Devido a estes aspectos este espaço e estes sujeitos condensam um complexo agregado de diversos saberes-fazer ligados a pesca, com a presença tanto de pescadores/as que atuam na pesca de rio, estuário, mangue, costa e alto mar; quanto uma rede de atividades e instalações que orbitam em torno desta produção tais como: frigoríficos, peixarias, estaleiros, oficinas de motores, fábrica de gelo, et al. Estas representam a atividades econômicas (Cf. SANTOS, 2017; ROCHA, 2015), sociais e culturais centrais

desta localidade sendo responsável pelas produções e reproduções materiais e imateriais que conectam seus residentes.

Estas atividades formam teias de significações coletivas que podem ser percebidas pelo olhar mais despretenso ao circular por suas ruas, becos e “marés”; na forma de organização do bairro; nas conversas locais; nos objetos encontrados aleatoriamente; nos sons; odores; sabores e imagens desta localidade e seus habitantes.

É comum encontrar seus moradores distribuídos pelas calçadas, portos, frigoríficos, ruas, bares, lojas, etc. conversando sobre os pescados e as pescarias, remendando redes, negociando vendas e compras, a vista ou em prestações; ou seja, uma sociabilidade que compõe e representa um estilhaço do vitral da “Cultura dos Trabalhadores/as da Pesca”. Nas palavras de uma catadora de caranguejos “isso aqui era tudo manguê ao redor, tudo manguê, por isso que isso aqui é considerado como uma vila de pescadores, porque é água por trás, água pelos lados, pela frente, né? Por isso é uma vila de pescadores.⁴⁸

2.3. Descortinando o “segredo na pesca artesanal”

As falas e expressões (orais e gestuais) que servirão de base para a compreensão dos “segredos” e “mentiras” dos pescadores/as de Gargaú/RJ como elementos de linguagens que apontam para significados coletivos são frutos de trechos de algumas entrevistas realizadas e partes de algumas descrições presentes nos Cadernos de Campo referentes aos Itinerários Etnográficos. Estas expressões foram coletadas apenas em três dos “Circuitos da Pesca”: os Circuitos dos rios/mangues, os circuitos dos mares e os circuitos da venda do pescado. Destaca-se que esta forma de linguagem que busca a burla e/ou a ocultação foram proferidas apenas por homens não sendo encontrada em nenhuma expressão feminina coletada no campo.

A busca da compreensão sobre o segredo na pesca artesanal não é novidade na rica produção acadêmica sobre o tema. Alguns pesquisadores que já se debruçaram na elucidação deste fenômeno servirão de base teórica para o presente ensaio que pretende aprofundar este assunto a partir da exposição destas expressões presentes em Gargaú/RJ.

Pescador 1: “Porque uma pescaria, rapaz, você sabe o que acontece, por que um pescador na pescaria é sofrido? [...] O pescador já sai daqui, é o seguinte, sai incerto. O mundo de rio, você vai dar uma tarrafa pode te

⁴⁸ Entrevista realizada com a pescadora 4, no dia 12/05/2022.

levar [a tarrafa ou] pode pegar, no meio daquele rio sem ver o que tem ali. Então, gera fé na pessoa o pescador, **o pescador tem fé**. Eu vou lá e vou trazer o peixe. Então você sai com uma embarcação dessas no meio de um rio daqueles, você olha, às vezes não vê nada, e manda tarrafa aqui no meio [...] Aqui, eu dei essa tarrafada aqui na beira de um pau. Ontem, ô lá [mostra uma foto no celular]. Ó o tanto de tainha. Sete tainhas grandes eu apanhei. Ó lá, sete. Entendeu? [Lugar de pau] É lugar que eu já tenho as práticas como ninguém. **Porque pra você descobrir um peixeiro desses, você arrisca**. [...] Pra você descobrir, você arrisca. Você olha um lugar de galho brabo e [faz gesto de jogar]. Você fala assim com o polpeiro: "**Rapaz, vamos arriscar aquela tarrafa ali**". Arriscar é o que? Vamos ver, vamos jogar. Se não estiver bom, perdemos a tarrafa, se não... Perde, perde. [...] então se eu descobrir, se tiver o pau de um lado, o pau de outro, jogar naquele meio e não tiver o pau, e eu descobrir a tarrafada, pode saber, tô limpo de peixe, essa tá reservada. O que que eu faço? Não é questão de sabedoria, mas o pescador não pode ser bobo. Se descobriu aquela tarrafada, você põe o peixe nela, se passar alguém perto, você não dá ela. Não dá não, que fica todo mundo de olho pra descobrir. Porque todo mundo, ninguém quer arriscar. Como você já arriscou e viu que tá limpinha a tarrafada e tá bonita, você deixa ela só pra você"⁴⁹.

O excerto acima representa a fala de um pescador de rio. A pescaria narrada é a realizada com a tarrafa. A tarrafa é um petrecho de pesca muito antigo utilizada por pescadores/as artesanais em diversos lugares do Brasil. Consiste numa rede com formato assemelhado a uma lona de circo, onde na sua extremidade menor a rede é fechada e na outra possui uma grande abertura podendo chegar a mais de 8m de diâmetro. Nesta grande abertura ela possui uma barra, denominada pelos pescadores/as de “pé da tarrafa”, que se dobra e onde se prendem vários chumbos para que ela pese e afunde na água.

A fala se inicia com a exaltação das dificuldades e dos sofrimentos vivenciados pelos pescadores/as. Interessante notar comonum primeiro momento parece se direcionar a todo o coletivo, “pescador na pescaria é sofrido”. Entretanto num segundo momento retrata uma categoria específica se direcionando aos pescadores de rio, “o mundo de rio”. Ser pescador de rio é se reconhecer como tal, e, ao mesmo tempo, como diferentes de “outros” pescadores/as, que não atuam no rio. O “mundo do rio” possui seus habitantes que se reconhecem enquanto tal e se diferenciam enquanto tal.

Como aponta Kathryn Woodward (2007), em texto que busca construir bases teóricas para se refletir sobre a relação entre identidade e diferença, as identidades/diferenças são processuais e relacionais e operam

⁴⁹ Entrevista realizada com o pescador 1 no dia 10 de junho de 2022.

numa ordem circular. “A identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2007, p. 9).

Ser pescador/a de rio, diferente de “outros”, se caracteriza pelo sofrimento. Mas qual a causa desse sofrimento? A incerteza é geradora do sofrimento do pescador/a. o “mundo de rio” pode tanto trazer opulência de uma boa pescaria quanto a perda dos materiais e, em consequência, o retorno para casa de mãos vazias, amargando além de uma pescaria mal sucedida o prejuízo pela danificação ou destruição de sua tarrafa.

Como aponta Simone Maldonado (1986) já temos a primeira chave para interpretação do segredo como elemento da linguagem deste grupo. Para a autora a vida dos pescadores/as encontra-se envolta em ambientes arriscados e incertos, como as águas e sua imprevisibilidade e também a incerteza da venda e/ou dos preços que possam ser adquiridos num mercado controlado em grande medida por atravessadores. Estas situações condicionam traços psicológicos e socioculturais destes grupos. Guardar segredos e ocultar espaços onde se realizam boas pescarias serve como mecanismo de controle e forma de dirimir riscos.

Entretanto neste quesito surge uma contradição. O “mundo do rio” é também o dos pescadores/as de rio competindo entre si pelos recursos incertos. O segredo ao reduzir as incertezas cria uma espécie de direito de uso privativo, num espaço onde o uso é comum. Sendo assim o meu direito de uso privativo num “mundo” comum só se sustenta se este espaço estiver ocultado. O segredo funciona, neste caso, como mecanismo jurídico que constrói usos privados em ambientes coletivos. Saber, expor, dar transparência dentro deste arcabouço jurídico vai de encontro aos princípios que sustentam este sistema de direitos. Aqui o princípio do direito está alicerçado na ocultação. Não saber, não expor, impedir a transparência, eis um código construído às avessas do nosso sistema de direitos. Para os pescadores/as o uso privativo só pode ser garantido pela ocultação, por isso se alguém descobre o “pesqueiro” tem tanto direito quanto qualquer um de explorá-lo. Esconder é a face avessa da moeda do direito de descobrir. Eu escondo por direito e você (se conseguir) descobre e explora por direito.

Mas, segundo nosso interlocutor, não é só de sofrimento que o pescador vive, mas também de fé. O sofrimento, um termo negativado na fala do pescador é associado a fé. O sofrimento produz fé. “O pescador sofrido tem fé”. O sofrimento é, então, positivado na fé. “Eu vou lá e vou trazer o peixe”. Com essa fé o pescador joga sua tarrafa e descobre, no meio de pedras e paus, que poderiam destruir seu material, um lugar cheio de

peixes, onde se dá uma *tarrafada limpinha*, ou seja, sem pedra, paus, lama. O pescador/a descobre um “pescueiro”. Mas descobre porque arriscou, e arriscou porque tem fé.

Aqui encontramos outro mecanismo que se associa ao anterior no direito do pescador/a ao segredo. Nesta mesma entrevista, em trecho anterior, o pescador narra passagens bíblicas sobre São Pedro e a boa pescaria que realizou quando teve fé. Assim o direito de explorar privadamente um espaço comum não advém apenas ou simplesmente de uma prerrogativa humana, mas também sagrada. Aqui o direito, na linguagem do pescador, é acionado por sua fé. Fé que o fez arriscar num ambiente indiviso de uso comum e competindo pelos recursos com “outros” pescadores/as. Esta descoberta, então, representa sua ligação com o sagrado, com o transcendente. Sua *religare*⁵⁰.

O pescador/a sofredor, pois precisa lhe dar com um “mundo de rio” cercado por incertezas, necessita desta provação para, com sua fé, vencer as barreiras e os sofrimentos e descobrir seu manancial de fartura ofertada pelas forças divinas materializadas na natureza. Sua fonte sagrada de riquezas está ali, próxima, porém oculta como elemento de provação de sua credulidade. Os que não querem arriscar e, por isso, não descobrem seus pesqueiros não são dignos de explorá-los, por isso que o segredo se transmuta num direito não apenas humano, mas divino de exploração deste espaço de uso comum de forma privada devido a conquista pela experiência e fé do manancial divino oculto no interior do rio.

O “mundo do rio”, como um segundo mundo para os pescadores/as se organiza sobre regras e costumes próprios e partilhados por seus integrantes. Água e pesca, peixe e seres humanos se entrecruzam partilhando percepções mútuas e direitos mútuos. Como um segundo mundo que influencia diretamente o mundo fora do rio, sua linguagem própria cria condições próprias de uso e de partilha do espaço e das atividades nele constituídas. O segredo se constitui como uma destas peças de linguagem que expressam mais do que imaginamos à primeira vista. Expressa relações econômicas, políticas e sagradasimbricadas e interconectadas. Ocultar e esconder mostra muito sobre esses sujeitos, suas formas de vida e de produção e suas relações com o meio natural que exploram.

⁵⁰ Religare religião – re ligar.

Num outro trecho de uma entrevista temos a fala de um pescador⁵¹ de mar, retirada do “Círculo dos Mares” supra citado.

*Pescador 2⁵²: “Na verdade, como acabei de citar que **antigamente o pescador pescava mais no boato, vigiava, que uma coisa que eu tinha sonar na cabeça**, eles hoje são assim. Eu devo ter uns 600 pontos marcados dentro desse mar aí. [...] Devo ter uns 600 pontos. De Guarapari até ali para baixo. Tem uns que eu ainda tenho, que ainda é segredo. É meu. **Ninguém achou ainda. Mas a facilidade hoje de achar é muito grande, porque todo mundo hoje tem aparelho**. Eu fui dentro de Gargaú um dos primeiros, se não fui o primeiro, a ter. Eu tenho até hoje conhecimento de mergulhador, muitos mergulhadores me daram os pontos deles mergulhar [...]. De lá para cá eu comecei assim, **tipo uma troca**. Eu daria um ponto que eu achava para eles mergulharem, **que não me interessa**, e eles dariam um ponto que eles acham que era bom para mim. Foi isso. Foi espalhando, espalhando... agora, no momento, eu nem estou mais coisa com mergulhador, **que é muito pescador**. Dá para um, dá para outro. **Aí você vê que tem um ponto bom, você passa para o mergulhador. O mergulhador vai e passa para outro. Eu perdi ponto muito bom por causa disso**. Só eu tinha porque eu achei. Um dia cheguei lá, o cara foi... “quem passou para você?”, “foi fulano tal”. É assim que funciona? É melhor ficar para mim sozinho. **Eu estou querendo ajudar ele para ele [pegar] peixe que não me interessa**. Você quer dar um ponto para ajudar o cara a matar uma lagosta, o cara está querendo prejudicar... cabeça de cada um. **O conhecimento é uma coisa. Agora, o cara quer confiar hoje é difícil.**”*

Diferente do “mundo do rio” o “Círculo dos mares” de Gargaú-RJ atualmente está muito especializado. A pesca de mar realizada na localidade se concentra em grande medida na pesca de camarão e de Peroá. Estas pescarias são realizadas, em sua maioria, com embarcações grandes em média de 10 a 12m para as pescarias de camarão e 12 a 15m para as de peroá. As pescarias de camarão são executadas, normalmente, no mar próximo a localidade onde os pescadores saem pela madrugada e retornam no início da tarde. Algumas duram dois ou mais dias, quando vão mais distantes devido a safra local estar pequena. Para a pescaria utilizam de uma rede comprida em forma de um grande saco com uma boca que abre cravejada por chumbos que a fazem encostar no fundo do mar. O barco vai puxando a rede e trazendo em seu interior o que encontrar no fundo, por isso é denominada de pescaria de arrasto. Para a pesca de camarão os barcos são municiados por aparelhos GPS e guinchos para alçar as redes que vem muito pesadas do fundo.

⁵¹ Será utilizada apenas a expressão pescador, referente ao gênero masculino, devido a pesquisa ter constado que o “círculo dos mares” na localidade de Gargaú/RJ se encontra interdito a presença feminina com apenas raras exceções que confirmam esta regra.

⁵² Entrevista realizada no dia 27 de maio de 2022.

No caso do peroá, os pescadores levam mais tempo no mar, entre cinco a dez dias na maioria dos casos, mas esse tempo pode variar para mais ou menos dependendo da quantidade de pescados encontrados e da distância percorrida. Usam uma espécie de rede que chamam de puçá-grande que hoje em dia é proibida pelo IBAMA⁵³, mas, segundo relatos, ainda costuma ser utilizadas. Esta é constituída de uma rede grande presa num arco circular de metal com medida aproximada de 1,5m de diâmetro. Esta rede é baixada dentro da água e se coloca em seu centro um “engodo”. O engodo é a isca para os peroás, pode ser feito de camarão, siri, outros peixes pequenos. É um “amarradinho” com essa isca dentro, quando o cardume vem em busca da isca o puçá é alçado trazendo grande quantidade de peixes, dependendo do tamanho do cardume. Estas embarcações são equipadas, geralmente, com GPS, Guinchos, Sonares, Rádios comunicadores.

O pescador 2 é especializado na pesca de Peroá, apesar de dizer que já pescou de tudo. Sua fala inicia com referência ao passado, quando o pescador não tinha esses equipamentos e dependia muito mais do uso de bússolas e das chamadas “marcações” que eram pontos visíveis na costa utilizados pelos denominados “mestres” de pesca para orientá-los em alto mar. Estes mestres eram dotados de altas habilidades para se guiarem no oceano e, ainda, descobrirem e marcarem seus principais pontos de pesca (“pesqueiros”). Segundo Antônio Carlos Diegues (2004).

O mar recebe marcas (daí o termo marcação), cujo processo é guardado em segredo pelo pescador que descobre o pesqueiro. A viagem ao local (o caminho) se faz tendo como referência os picos de morros, torres de igreja localizados em terra, possibilitando a chegada aos “cabeços” (lajes submersas). (...) o segredo está no centro dessa atividade e tem como finalidade diminuir a competição por pesqueiros de alta produtividade. Quanto mais “cabeços” são descobertos pelo mestre, maior a sua fama e o respeito dos outros pescadores. (DIEGUES, 2004, p. 211)

Como se depara da fala do pescador 2 antigamente ele “tinha sonar na cabeça”, pois as “marcações” dos pesqueiros eram patrimônio dos bons mestres, que lhes rendiam, além de boas pescarias, “fama e respeito” no interior de seu grupo. Entretanto “todo mundo hoje tem aparelho”. Os equipamentos “facilitaram” se achar os “pesqueiros”. Com auxílio do GPS e da Sonda é possível ao pescador ainda principiante se orientar no mar e chegar a bons pontos de pesca, desde que os mesmos estejam registrados em seu GPS. É possível, ainda, num golpe de sorte se encontrar bons

⁵³ A proibição deste petrecho de pesca encontra-se publicada na Portaria IBAMA no 81 de 10 de julho de 2002.

cardumes pela indicação dos sonares e, a partir desta descoberta, marcar estes pontos no GPS criando seus próprios “pesqueiros”. As máquinas ampliaram a competição reduzindo a vantagem da sabedoria humana presente na figura do mestre e de sua capacidade de mapear o oceano através das “marcações”. O sonar foi tirado da cabeça de alguns e entregue a todos que podem adquiri-lo. Reduziu-se do mestre o privilégio da manutenção do “segredo”.

Segundo Diegues (2004) supra citado “o segredo está no centro dessa atividade e tem como finalidade diminuir a competição por pesqueiros de alta produtividade”. Em consonância com essa afirmação do autor, que analisa a pesca artesanal antes da chegada destes equipamentos eletrônicos, nosso depoente associa a redução da capacidade de manutenção do segredo como uma das causas da contração da importância da sabedoria da pesca “Mas a facilidade hoje de achar é muito grande”. Facilidade esta que se contrapõe as habilidades conquistadas e possuídas arduamente pelos “mestres”.

De forma aparentemente contraditória o pescador 2 afirma manter em sua posse “uns 600 pontos marcados dentro desse mar aí”. Sua capacidade de guardar “pesqueiros” parece ter-se ampliado pelos próprios equipamentos que, no início de sua explanação, apontava como uma ameaça a sabedoria dos pescadores. Essa afirmação, embora pareça contraditória, guarda seu significado na figura do “mestre” e da mestrança como elementos que cederam espaço com a chegada destes novos equipamentos.

As falas do pescador dizem muito sobre seu universo de vida e trabalho. Se antes trocava com os mergulhadores “pontos” “que não interessa”, “peixes que não interessa”, agora diz que perdeu pontos “muito bons”. Na relação com os mergulhadores, membros de outra categoria de pesca conhecidos e reconhecidos como “outros” no “Circuitos das pesca de mar”, as trocas podem ocorrer, pois são referentes a sujeitos que apesar de ocuparem espaços contíguos fazem parte de universos de disputas econômicas e políticas diferentes. A circulação de bens de tamanha força, como os “pesqueiros”, são interditados no interior do grupo, entre os semelhantes na pesca, pois representam a capacidade e habilidade dos pescadores de descobri-los e mantê-los em “segredo”. Esse “segredo” ainda os habilita com o respeito e valorização sociocultural de outrora, ainda mais agora em que a disputa com a chegada de novos equipamentos tenha se acirrado.

O excerto abaixo diz respeito a entrevista retirada do “Círculo das

Vendas de Pescado”:

Pescador ⁵⁴ - [como é sua relação com os compradores] **“não tem contrato não, ligou interessou o cara já te conhece ele te liga entendeu, aí ele tá precisando ele compra e se não tá precisando ele não compra, por exemplo essa semana não vendi ainda. Pode ser que vende pode ser que não vende é incerto ainda, você tem que ter o produto por que se vende isso, se o cara ligar você tem que ter, mas não é garantido que vai vender. [...] basicamente a gente vende nos mesmos lugares, assim eu te conheço, eu num vou falar que eu te conheço pra ninguém, você me compra as vezes 100 Kg de camarão toda a semana, tento te manter no segredo né, se alguém descobrir acontece, mais tento manter no segredo pra ter um cliente aqui, outro ali, e é um cliente e eu te vendo a um preço se tiver mais barato você vai comprar o mais barato então eu tento te manter escondido”**.

Os pescados na localidade de Gargaú, principalmente os camarões e peroás, são vendidos aos “frigoríficos” locais. Pôde-se constatar a existência ao menos de 8 destes estabelecimentos. Eles se dividem em pequenos e médios. Os pequenos acontecem nos fundos de quintais de algumas casas. São áreas externas dessas casas onde se encontram mesas colocadas em espaços muito simples, com telhados de eternite caixas d’água onde mulheres atuam na descasca destes pescados (pós-captura). Os pescados (praticamente apenas os camarões) colocados nas caixas são lavados para se retirarem lama e exceto de impurezas, na sequencia são despejados sobre as mesas para serem beneficiados. Esta atividade, na localidade, é exclusivamente feminina e se encontra descrita com mais detalhes no “Círculo das Mulheres da Pesca” que não será objeto deste ensaio. Estes “fun- dos de Quintais” beneficiam em média 300 a 600Kg de pescado.

Os chamados “frigoríficos” médios se encontram, em sua maioria, no local conhecido no bairro como “Buraco Fundo”⁵⁵, margeando o canal de entrada e saída das embarcações para o mar e/ou rio. Lugar privilegiado, pois as embarcações assim que aportam em Gargaú-RJ já o fazem anexo a estes estabelecimentos que adquirem imediatamente os produtos trazidos das pescarias. Estes locais são equipados com câmaras frias e caixas de gelo para estocagem e guarda dos produtos, balanças para pesagem e algumas possuem máquinas de descascar camarões.

Em seu interior atuam um número considerado de pessoas, normalmente da seguinte forma: 2) homens, em sua maioria jovens, que trabalham na máquina de descasque de camarão, no recebimento e pesagem dos pescados, no transporte dos produtos entre uma etapa do beneficiamento e

⁵⁴ Entrevista realizada no dia 07 de junho de 2022.

⁵⁵ Espaço considerado o mais tradicional para habitação dos pescadores/as da localidade.

outra, no tratamento dos pescados, colocando-os em sacos pequenos junto com certa quantidade de água e sal para seu congelamento e estocagem e no carregamento dos veículos transportarão estes produtos para venda. 2) mulheres para o descasque do camarão manualmente quando é necessário para alguma venda específica que exija este tipo de beneficiamento.

2.4. Dialogando com a “mentira” no âmbito da pesca artesanal

A mentira é normalmente vista como algo negativo, tentativa de enganar e conseguir vantagens pessoais sobre outrem. Entretanto no contexto da pesca artesanal na localidade Gargaú-RJ, ela representa um dispositivo que associado ao segredo trazem inteligibilidade as normas de acesso e posse de recursos disputados pelo grupo e, ao mesmo tempo, reconhecimento coletivo das habilidades, competências e experiências destes indivíduos no interior de seus “mundos de pesca”.

Como aponta Rubem Alves (1981) “nem todos os sistemas de símbolos têm a ver com o conhecimento e a verdade. Há muitas atividades para as quais a verdade é irrelevante” (ALVES, 1981, p. 140). A mentira entre estes grupos representa distintas noções que se encaixam como um quebra cabeças, onde o significado oculto se revela em cada contexto e na forma como é narrada.

Pescador 1: “o cara passa: “*Aí tem muito peixinho?* [faz sinal com os ombros], fala: “*Tem pau?*”, falo: “*Tem pau, tem!*”. Mas eu falo assim: “*Tem pau, mas eu dei uma sorte desgraçada. Eu dei uma tarrafadinha aí e consegui um peixinho.*”. Não tô mentindo, né? Mas tem. Aí o outro: “*Não, mas se você tá falando que tem pau!*”. Porque, né, vou chegar pro camarada e vou mostrar lá?”.

O pescador 1 de rio, narra suas aventuras na pescaria de tarrafas. Em vínculo com a entidade do “segredo” a mentira é o seu instrumento de efetivação. Os pescadores/as circulam nos trajetos do rio em busca das informações que possam possibilitar maiores sucessos nas pescarias, vigiar “outros”, no intuito de acessar seus “pesqueiros” é uma estratégia usada e partilhada coletivamente.

A vigia e a tentativa de “roubo” dos pontos é executada de forma silenciosa, pois representa certa “traição” e a exposição de uma inferioridade na capacidade de descobrir seus próprios “pontos”. Mesmo com essa representação negativada, ela é efetivamente realizada, na surdina, por todos/as. Numa pescaria, por exemplo, a todo o momento o pescador buscava saber o que ocorria com os “outros”. “Olha aquele ali saiu do seu

lugar só porque viu a gente. Deve ter muito peixe ali e ele está escondendo⁵⁶.” Quando cruzava por outros perguntava como estava a pesca. Estas indagações tinham menos o intuito de receber alguma informação “verídica” e mais de testar a resposta. O que se verifica na performance de todos/as envolvidos são tentativas de tornar suas respostas as mais verídicas possíveis aos olhos dos “outros”.

No excerto acima nosso depoente narra uma dessas ocasiões em que é questionado se existem ou não peixes no local com o qual responde que “tem paus no fundo”, o que pode prejudicar a pescaria com a perda de materiais. Segue seu comentário dizendo que não mente totalmente, pois paus realmente tem, contudo encontrou um bom lugar de pesca entre estes paus devido sua competência em manusear seus petrechos, o conhecimento geográfico que possui do rio e a fé que carrega e que lhe garante sorte devido enfrentar as provações que lhe são imputadas. Sendo assim, como descobriu, munido de conhecimento técnico, naturalístico e crença, seu “pesqueiro” está habilitado a ocultá-lo, por isso responde que “pegou apenas um peixinho”, burlando a informação.

Essa história funciona como um quebra cabeças, cada pedaço tem seu encaixe. Primeiro sabemos, pelo próprio pescador que onde tem paus e pedras no fundo do rio, são espaços propícios para acúmulos de peixes; segundo conseguir achar o espaço certinho entre estes paus e pedras garantindo boas pescarias se relaciona com a habilidade e a sorte (convertida em fé); terceiro conseguindo este espaço necessita-se de guarda-lo dos “outros”.

Como cada qual se vigia, imagina-se que alguns pontos podem ser bons devido “outros” pescadores/as serem vistos com mais frequência ocupando determinado espaço específico dentro do “mundo de rio”. O próprio pescador/a não fica parado no mesmo lugar. Mesmo que perca tempo circulando por outros pontos de pesca, menos significativos, ao invés de investir no bom “pesqueiro” encontrado, precisa realizar estes trajetos dentro do rio para despistar os “outros” quo o vigiam.

A vigia, assim, é o lado oposto da moeda da mentira/segredo. Como todos/as vigiam todos/as e esta tem um peso negativo nas representações dos pescadores/as locais, como tentativas de “roubo” e símbolos que caracterizam menor conhecimento local e/ou temor de perda de materiais, fazendo vacilar sua fé, a mentira torna-se positivada, pois despista os

⁵⁶ Relato retirado do Caderno de Campo, representa um trecho do Itinerário Etnográfico realizado na pescaria de rio, acompanhado do pescador 1 e seu filho.

ladrões/incrédulos e/ou os que não querem se arriscar aprimorando suas técnicas e conhecimentos.

Ao ser questionado “Aí tem muito peixinho?”, a resposta cifrada “tem pau” não disse que não tem peixe, pois todos/as sabem que onde tem peixes tem pau, mas não necessariamente o contrário. A burla que vem na sequência “dei uma sorte desgraçada e peguei um peixinho” remete o “outro” novamente ao estado da dúvida e da incerteza que marca a atividade pesqueira e posiciona a todos/as no mesmo patamar, inclusive o que proferiu a informação. Este excerto é finalizado com a seguinte constatação “mas se você tá falando que tem pau”. Porque, né, vou chegar pro ca-marada e vou mostrar lá?”.

A mentira assume aí um caráter fundamental para a manutenção da exclusividade sobre os pesqueiros de que falamos [...] Dentro da política do sigilo, portanto, o direito de mentir é garantido. A mentira aparece, neste caso, como parte constitutiva de um princípio elementar, o da ocultação consciente e proposital da informação que rege determinados aspectos do direito costumeiro. (DIAS NETO; VOGEL; VALPASSOS, 2007, p. 73-74)

O pescador cumpre sua função de conhecedor da natureza, das regras de uso do espaço, da crença da conquista e, ainda, de bom companheiro, pois “verdadeiramente” tinha paus e/ou pedras no local, sendo assim a sua informação também vinha alertar o “outro” para os perigos daquele espaço. Se o mesmo quiser arriscar e perder seu material essa é a regra da vivência da pesca, não sendo papel de ninguém “mostrar lá”, ou seja, pescar no lugar do “outro”.

3. Considerações finais

“Segredo”, “Mentira”, “Vigia”, “Aliança”, princípios comunicativos, epistêmicos e jurídicos que compõe a rede do universo da pesca em Gargaú/RJ e dizem mais em suas interconectes do que imaginamos quando os olhamos isoladamente e, principalmente, quando os olhamos com lentes de nosso próprio meio sociocultural e linguístico aplicando aos “outros” a nossa régua, desconsiderando suas formas de viver e de trabalhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Manual de História oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2012.

ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência: Introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaio de psicologia social*. São Paulo: Ateliê, 2004.

BRITO, Roysan Campos de Caldas. *Modernidade e tradição: construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo-RJ*. Niterói: EDUFF, 1999.

COSTA, Klenio Veiga da. O trabalho na pesca artesanal no Litoral Norte do Estado do Rio de Janeiro. In. TIMÓTEO, G.M. *Educação ambiental com participação popular: avanço na gestão democrática do ambiente*. Campos dos Goytacazes-RJ: EdUENF, 2019. p. 168-83

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Ordens e desordens socioambientais: Saberes tradicionais em dinâmicas pesqueiras da costa paranaense. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Programa de Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, 2007. 217f.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DIAS NETO, José Colaço; VOGEL, Arno; VALPASSOS, Carlos. História de pescador: O direito do ponto de vista nativo. *Revista Arquivos de Direito*, v. 1, n. 9, p. 57-78, jan., 2007

_____. *Quanto custa ser pescador artesanal? Etnografia, relato e comparação entre dois povoados pesqueiros no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

_____. Segredos, pescadores e etnógrafos. *Revista de Antropologia – Vivências*. v. 1, n. 40, p. 121-9, 2012.

_____; VOGEL, Arno; VALPASSOS, Carlos. História de pescador: O direito do ponto de vista nativo. *Revista Arquivos de Direito*, v. 1, n. 9, p. 57-78, jan., 2007.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. *A pesca construindo Sociedades: Leituras em Antropologia Marítima e Pesqueira*. São Paulo: NUPAUB-USP, 2004.

_____. *Povos e mares: leituras em Sócio-Antropologia Marítima*. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

FERNANDES, Bruno Guilhermano. Caminhada etnográfica em itinerários urbanos. *Revista Ponto Urbe*, v. 18, 2016.

FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral do mundo contemporâneo. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 55, p. 367-376, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1983.

HELLEBRANDT, Luceni Medeiros. *Mulheres da z3 – O camarão que “come” as mãos e outras lutas: contribuições para o campo de estudos sobre gênero e pesca*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis-SC, 2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. *Anuário Antropológico*, v. 38 n. 2, p. 53-72, Brasília, UnB, 2013.

_____. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. *Revista Ponto Urbe*, v. 15, 2014.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.

_____. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: ____; TORRES, L. de L. *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: USP, 1996, p. 12-54.

_____; SILVA, César Augusto de Assis; TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. As festas juninas no calendário de lazer de jovens surdos na cidade de São Paulo. *Anais do Ceru04*, 2008.

MALDONADO, Simone Carneiro. *Mestres & Mares: espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo: ANNABLUME, 1993.

MALDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do mar*. São Paulo: Ática, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia Prático de História Oral: Para Empresas, Universidades, Comunidades, Famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

OBELKEVICH, James. Provérbios e história social. In: BURKER; PORTER. *História social da linguagem*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 43-82.

PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério

parisiense. *Revista de Antropolítica*, n. 25, p. 99-111, Niterói, 2008.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. Culturas Pesqueiras e os Sistemas de Pesca Artesanal. *Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS*, na Forma Remota, Niterói, 2020. Disponível em: <https://anpocs.com/in dex.php/encontros/papers/44-encontro-anual-da-anpocs/gt-32/gt02-27>. Acesso em: 11 de Novembro de 2022.

ROCHA, Edêmea Faria Carlos da Rocha. *Unidade de Conservação: uma Proposta de uso Sustentável para os Manguezais do Estuário do Rio Paraíba do Sul, na Região de Gargaú – São Francisco do Itabapoana-RJ – Brasil*. Dissertação (Mestrado Profissional em Engenharia Ambiental) Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Rio de Janeiro, 2015. 129f.

SANTOS, Rachel de Salles Freitas dos. *Estudo dos indicadores e índices de salubridade ambiental aplicados a regiões estuarinas: o caso da comunidade de Gargaú, São Francisco do Itabapoana-RJ*. Dissertação (Mestrado Profissional em Engenharia Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Rio de Janeiro, 2017. 99f.

SILVA, Gláucia Oliveira da. *Tudo que tem na terra tem mar: a classificação dos seres vivos entre trabalhadores da pesca em Piratininga, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1989.

SOFFIATI, Arthur. *As lagoas do Norte Fluminense: Uma contribuição à história de uma luta*. Campos dos Goytacazes-RJ: Essentia, 2013.

_____. *Os manguezais do Sul do Espírito Santo e do Norte do Rio de Janeiro: com alguns apontamentos sobre o Norte do Sul e o Sul do Norte*. Campos dos Goytacazes-RJ: Essentia, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. da (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-73